

# 1



Os gritos e uivos dos orcs na caçada rasgavam o ar gelado. Durotan havia provado do gosto da batalha contra outros clãs, mas poucos desafiavam os Lobo do Gelo ali, em seu lar, no norte. A sede de sangue e honra eram aplacadas mais frequentemente como naquele momento, com uivos e canções de vitória conforme os orcs montados derrubavam as presas fortes que fugiam adiante.

A terra tremia sob o trovão dos cascos de uma manada de fenocerontes, peludos e esguios nos momentos finais de um inverno que dera a impressão de que jamais a libertaria de suas garras. Os Lobo do Gelo os perseguiram alegres, o deleite em encontrar carne os inundando com nova energia depois de dois dias perseguindo a manada.

Garad, com o comprido cabelo negro entremeado de fios cor de prata, mas o corpo ainda ereto e forte, liderava o grupo. Ao seu lado, à direita, com o corpo mais esguio que o do companheiro, porém com movimentos igualmente rápidos e golpes igualmente mortais, ia sua esposa, Geyah. Garad nem sempre comandava; frequentemente ficava um pouco para trás e permitia que Durotan assumisse o papel, porém o orc mais jovem nunca se sentia tão vivo como quando caçava do lado esquerdo do pai.

Por fim, à sua esquerda, ia Orgrim Martelo da Perdição, o melhor amigo de Durotan. Os dois eram próximos desde que haviam aprendido a andar, entrando em todo tipo de competições e desafios que sempre terminavam não em raiva, mas em gargalhadas. A mãe de Orgrim dizia

que seu pequeno guerreiro ansiava tanto por lutar que golpeou a mão da parteira com a cabeça enquanto entrava no mundo, e os Espíritos o deixaram com um hematoma na forma de uma mancha avermelhada no crânio marrom. Orgrim gostava dessa história e, por isso, raspava sempre o cocuruto, mesmo no inverno, coisa que a maioria dos Lobo do Gelo achava idiotice. Os quatro montavam frequentemente nessa formação, e seus movimentos eram tão conhecidos uns para os outros quanto os próprios batimentos cardíacos.

Durotan olhou para Garad enquanto perseguiram os fenocerontes. O pai riu e confirmou com a cabeça. Fazia algum tempo que o clã estava com fome; naquela noite, porém, eles festejariam. Geyah, com as pernas longas apertando os flancos de seu lobo, Canoro, pôs uma flecha no arco e esperou o sinal do companheiro.

Garad levantou sua lança, Golpeforte, esculpida com runas e adornada com tiras de couro e endentações em dois estilos diferentes. Um corte horizontal representava a vida de uma fera; um vertical significava um orc. Golpeforte era atulhada de marcas horizontais e verticais, mas as verticais não eram poucas. Cada uma delas, Durotan sabia, tinha sido feita quando um inimigo lutou bem e morreu de modo limpo. Era assim que as coisas se davam com os Lobo do Gelo.

O chefe orc apontou Golpeforte para um fenoceronte específico. As palavras não poderiam ser ouvidas tão bem em meio ao som dos cascos, por isso Garad olhou em volta enquanto os outros membros do clã levantavam suas armas, indicando que tinham visto o alvo designado.

A formação em grupo da manada correndo significava vida para os animais que estavam no centro — desde que não tropeçassem. O passo firme da fêmea em alvo se desviou ligeiramente do grupo compacto. A barriga não estava inchada com um filhote; nenhum Lobo do Gelo mataria uma fenoceronte prenha, principalmente quando o número deles diminuía à medida que os invernos iam ficando mais frios. E os caçadores não matariam mais do que pudessem carregar de volta à Serra do Fogofrio, ou dar como alimento a seus companheiros lobos, agradecendo pela ajuda na caçada.

— Deixe que os lobos selvagens trabalhem pela própria refeição — dissera Garad uma vez, coçando atrás das orelhas de Gelo. — Nós, os Lobo do Gelo, vamos cuidar da nossa.

Nem sempre era assim. Garad contara a Durotan que, na sua juventude, o clã sacrificava pelo menos um animal, muitas vezes vários, como agradecimento aos Espíritos. As criaturas eram deixadas onde caíam, como alimento para os animais selvagens e os corvos de rapina. Esse desperdício não ocorria com frequência no tempo de Durotan. A comida era preciosa demais para ser esbanjada.

Garad se inclinou à frente. Sabendo que esse era o sinal para atacar, Gelo baixou a cabeça e saltou.

— Rápido! — A instigação bem-humorada veio de Orgrim, cujo lobo, Mordedor, passou correndo por Durotan, como uma flecha disparada de um arco. Durotan xingou o amigo, e Agudente, ansioso para se alimentar, também saltou.

A maré de lobos e de cavaleiros partiu para a fêmea infeliz. Se estivesse apenas alguns passos mais perto da manada, ela poderia ter sido protegida pelo simples número de fenocerontes, mas, apesar de seus urros implorando ajuda, o grupo simplesmente apertou o passo. O macho líder a abandonara, concentrado demais em levar o resto dos fenocerontes para além do alcance dos orcs aterrorizantes, de modo que mais nenhum animal de sua manada tombasse. Os fenocerontes não eram idiotas, e a fêmea logo percebeu que aquela era uma luta que precisaria vencer — ou perder — sozinha.

Girou numa velocidade incoerente com o tamanho enorme e se virou de frente para seus futuros algozes. Os fenocerontes costumavam ser presas, mas isso não significava que não tivessem personalidade, nem que não fossem perigosos. A fêmea diante deles, cascos fendidos revirando a neve enquanto bufava, era uma guerreira, assim como eles — e sem dúvida pretendia levar consigo alguns orcs e lobos.

Durotan riu. Aquela era uma presa digna! Não havia honra em caçar animais que não lutavam, apenas o sentimento de uma necessidade saciada. Ficou feliz com a opção corajosa da fenoceronte. O resto do grupo também viu o ar de desafio do animal, e os gritos ficaram mais animados. A fêmea bufou, baixou a cabeça coroada com chifres enormes e afiados, e partiu diretamente para Garad.

O chefe orc e seu lobo se moveram como um só, saltando para fora do perigo a uma distância suficiente para que Garad disparasse Golpe-forte. A lança acertou o flanco do animal enorme, e Gelo se preparou

para o ataque. Enquanto ele e outros lobos brancos saltavam para a garganta da fenoceronte, Garad, Durotan, Orgrim, Geyah e o restante dos caçadores atiravam lanças, flechas e brados de desafio.

A luta foi um frenesi de movimento, uma cacofonia de rosnados, grunhidos e gritos de guerra. Os lobos saltavam para perto e para longe, os dentes rasgando e dilacerando, enquanto os orcs tentavam chegar suficientemente perto para também golpear. As lembranças de sua primeira caçada surgiram na mente de Durotan, como sempre acontecia. Ele abriu caminho até a vanguarda. Desde aquela caminhada muito tempo atrás, seguindo a trilha de sangue na neve, Durotan se sentia impelido a ser o orc a dar o golpe de misericórdia. A ser quem encerrava o tormento. Nunca importava se, na confusão da luta, outros o testemunhassem fazê-lo e lhe dessem o crédito pelo abatimento da presa. Só importava que ele desferisse o golpe.

Ele abriu caminho em volta dos borrões brancos dos lobos e dos corpos cobertos de pele dos companheiros de clã, até que o cheiro de sangue e o fedor de pele de animal quase o deixaram tonto. De repente, encontrou uma abertura. Abaixou-se, apertando a lança com força e deixando o foco se estreitar até esse único objetivo. Tudo que existia para ele agora era o ponto logo atrás da pata dianteira esquerda da fêmea. Os fenocerontes eram grandes, assim como o coração em seu peito.

A lança encontrou o alvo, e o grande animal estremeceu. O sangue brilhante manchou a pele da fenoceronte. Durotan acertara um golpe limpo, e, apesar de lutar por mais alguns instantes, finalmente a fêmea desmoronou.

Um grito enorme soou, e os ouvidos de Durotan zumbiram. Ele sorriu, respirando fundo. Aquela noite o clã iria comer.

Eles sempre traziam mais caçadores do que era preciso para derubar um animal. O júbilo da caçada estava em rastrear, lutar e matar, porém muitas mãos também eram necessárias para retalhar o bicho e prepará-lo para a viagem de volta à aldeia. Desde o próprio Garad até o membro mais novo do grupo, todo mundo participava. Num determinado ponto Durotan se espreguiçou, esticando os braços com sangue até os cotovelos devido ao trabalho de cortar a carcaça. Um movimento atraiu seu olhar, e ele franziu a testa, olhando a distância.

— Pai! — gritou ele. — *Alguém montado!*

Todo mundo parou o que estava fazendo ao ouvir as palavras. Olhares de preocupação foram trocados, mas todos sabiam que era melhor não falar. Jamais alguém era enviado atrás de um grupo de caça, porque poderia assustar a presa, a não ser que o grupo estivesse longe por tempo demais e houvesse preocupação com sua segurança. Um orc sozinho apenas seria mandado se houvesse uma necessidade súbita de que Garad voltasse à aldeia — e isso significava más notícias.

Garad olhou para Geyah em silêncio, então se levantou e esperou a aproximação do cavaleiro. Kurg'nal, um orc muito velho, cujo cabelo era tão branco quanto a neve, deslizou de seu lobo e saudou o chefe batendo a mão enorme no peito largo.

Não desperdiçou palavras.

— Grande chefe, um orc veio para falar com o senhor sob o estandarte de conferência.

A testa de Garad se franziu.

— Conferência? — A palavra soou estranha em seus lábios, e havia confusão na voz do chefe.

— O que é “conferência”? — Orgrim era um dos maiores orcs do clã, mas conseguia se mover com grande silêncio quando queria. Durotan, atento à conversa, nem tinha notado a aproximação do amigo.

— Conferência quer dizer... — O jovem procurou as palavras. Para um orc, elas eram estranhas demais. — O estranho veio só para falar. Veio em paz.

— O quê? — Orgrim pareceu quase cômico, com o maxilar ligeiramente aberto, as presas se destacando. — Deve ser algum tipo de truque. Os orcs não *conferenciam*.

Durotan não respondeu. Viu Geyah chegar ao lado do companheiro, falando baixo com ele. Como Drek'Thar, Geyah era xamã, porém tinha uma tarefa muito específica. Era a Erudita, cuidava dos pergaminhos passados de geração em geração e que garantiam a manutenção das antigas tradições e dos rituais dos Lobo do Gelo. Se alguém sabia como responder adequadamente a um orc vindo sob o estandarte de conferência, era ela.

Garad se virou para os orcs silenciosos, que esperavam com paciência por sua resposta.

— Um orc chamado Gul'dan veio falar — disse-lhes Garad. — Ele invoca o antigo ritual da conferência, o que significa que ele é nosso... nosso convidado. Vamos tratá-lo com respeito e honra. Se estiver com fome, vamos lhe dar a melhor comida. Vou escutar o que ele veio dizer e me comportar de todos os modos segundo as nossas tradições.

— E se ele não corresponder do mesmo modo? — perguntou um orc.

— E se ele demonstrar desrespeito ao clã dos Lobo do Gelo? — gritou outro.

Garad olhou para Geyah, que respondeu às perguntas.

— Então a vergonha recairá sobre ele. Os Espíritos não o vão favorecer por escarnecer da própria tradição que ele invoca. A desonra será dele, não nossa. Nós somos Lobo do Gelo — declarou ela, a voz aumentando de volume com a convicção. Gritos de concordância soaram em resposta.

Kurg'nal ainda parecia pouco à vontade. Puxou a barba e murmurou alguma coisa para seu chefe. Durotan e Orgrim estavam suficientemente perto para captar as palavras, ditas em tom baixo.

— Meu chefe, há mais a ser dito.

— Fale — ordenou Garad.

— Esse tal de Gul'dan... trouxe uma escrava.

Durotan se enrijeceu com aversão instantânea. Sabia que alguns clãs escravizavam membros de outros. De vez em quando os orcs lutavam entre si. Ele próprio tinha participado dessas batalhas, quando outros clãs invadiram a Serra do Fogofrio e caçaram a comida dos Lobo do Gelo. Os Lobo do Gelo lutavam bem e com empenho total, não hesitando em matar, se necessário, mas nunca fazendo isso por raiva ou meramente porque surgia uma oportunidade. Não faziam prisioneiros, quanto mais escravos; a luta acabava quando um lado cedia. Ao seu lado, Orgrim também rosnou baixinho ao ouvir as palavras.

Mas Kurg'nal não tinha acabado de contar tudo.

— E... — disse, e balançou a cabeça, como se não conseguisse acreditar no que iria dizer, depois tentou de novo — Meu chefe... tanto a escrava quanto a seu mestre... são *verdes*!